

Entrevista/José Altino Machado

Os garimpos fizeram a reforma mineral na Amazônia

A que se deve a explosão da garimpagem na Amazônia?

Altino — De 1980 a 1985, a garimpagem na Amazônia passou de 250 mil pessoas para 400 mil pessoas: 150 mil pessoas em cinco anos. De janeiro do ano passado a abril deste ano, saltou para 600 mil. Isso não é fruto do progresso mineral do país. De certa forma, é uma regressão: o homem volta a colher da natureza. Na verdade, eles não estão indo para a Amazônia, estão indo para o último lugar onde imaginam ser possível ganhar a vida, a última fronteira da sobrevivência. Mas não é só na Amazônia. No Rio de Janeiro, em Minas Gerais há milhares de trabalhadores em garimpo. O homem que não aceita ir para a favela, ficar desempregado, vai para o setor extrativista mineral.

— Há uma grande reação à atuação dos garimpeiros.

Altino — As mineradoras sentem-se ameaçadas por essa economia, que pode ser chamada de economia popular, e começam a exercer uma pressão política para deter isso. Mas não são só as mineradoras. Em Governador Valadares, fazendeiros vieram me procurar, afirmando que o garimpo tinha que ser fechado porque ninguém mais queria trabalhar para eles. Nós conseguimos fazer uma reforma no Brasil sem que os setores políticos conservadores percebessem. Nós fizemos a reforma mineral antes da reforma agrária. Sem os recursos da lei, com o recurso da ocupação.

— Quantas pessoas foram assentadas nesta reforma mineral?

Altino — Mais de 200 mil pessoas conseguiram trabalho direto graças à atuação da União Sindical. Considerando o trabalho indireto, os dependentes, a economia de apoio e a que mantém a logística nos garimpos, comerciantes, pilotos, etc., há 5 milhões de pessoas envolvidas com o extrativismo mineral. É um processo irreversível. O governo federal e as empresas podem apertar um pouco a garimpagem, tirar uma área, mas aprenderam que a ação de empurrar esse pessoal vai corresponder a uma reação em algum lugar. Essa reforma mineral disseminou uma economia popular na Amazônia. O único defeito é que o ouro não foi feito para alimentar desesperados. Alguma coisa precisa ser posta em seu lugar, porque o ouro é finito.

■ **“Com 6 meses de prazo, a União Sindical pode dar trabalho a 1 milhão de pessoas”**

— Quanta gente ainda poderia ser absorvida pelo o que o sr chama de extrativismo mineral?

Altino — Se derem à União Sindical seis meses de prazo, nós daremos trabalho para 1 milhão de pessoas. Só precisamos de recursos para alimentá-los durante uma semana. Uma semana depois, já estão no trabalho, produzindo. Mas é preciso fazer isso ordenadamente, com planejamento. Do jeito que está, se chegarem mais 100 mil pessoas no fim deste ano e no começo do ano que vem, a Amazônia vai explodir. Vai começar a virar horda. O pessoal que vem do sul está modificando os costumes. Hoje, já não posso dizer que no garimpo não tem droga. Não tem no Amapá, no Tapajós, em Roraima. Mas, no rio Madeira, você vai encontrar. Nos garimpos abertos, que a estrada alcança, estão roubando e há casos de morte para roubar. Isto jamais houve nos garimpos da Amazônia.

— Quanto movimento esta economia de 5 milhões de pessoas?

Altino — O extrativismo mineral é responsável por 95% do ativo circulante na Amazônia, que está na ordem de 2 bilhões 500 milhões de dólares por ano. A moeda que nós

usamos não é a mesma que o Brasil utiliza: enquanto o povo brasileiro está no sacrifício do cruzado do Sarney, nós estamos usando o dourado do tempo do faraó. Mesmo na época do fracasso do Cruzado, quando faltou tudo no Brasil, não faltou nada no garimpo: poder aquisitivo altíssimo, que compra tudo o que precisa, porque se não comprar, pára.

— Como o sr vê a atuação das empresas mineradoras?

Altino — Na verdade, nós não temos empresários, temos negociantes. Normalmente, essas empresas têm dinheiro para andar de bonde e alugam limusines. Dependem de dinheiro do governo, financiamento da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM) para pesquisa, dependem de vender 49% do capital para algum grupo estrangeiro. Na Amazônia, isso não dá certo: procurar ouro na Amazônia é como procurar agulha em palheiro. A única certeza de que há ouro é quando uma jazida está ocupada por garimpeiros. Então a empresa vai ao governo, consegue um papelzinho e se apresenta como dona da área. Na maior parte das vezes, o ouro que a empresa procura está nas imediações da Bolsa de Valores de São Paulo.

■ **“O Calha Norte transformou o Romero Jucá em comandante das Forças Armadas”**

— O sr está dizendo que as empresas não têm tradição?

Altino — Até 1985, todas as empresas na Amazônia só queriam achar cassiterita. O preço, uma maravilha, era mantido artificialmente para viabilizar a exploração em outros países, onde as minas são profundas, não esse aluvião doído que tem na Amazônia. A descoberta da mina de Pitinga (RR) acabou com a ilusão de que o estanho ia durar apenas 30 anos. E começaram a aparecer reservas e reservas de cassiterita: o preço foi lá embaixo e as empresas tiveram que sair desesperadas atrás de uma alternativa: o ouro, que estava nas mãos dos garimpeiros. Na época do regime militar — e agora parece que a moda voltou — o Exército entrava e tirava os garimpeiros. Toda empresa tinha um diretor que usava farda. O que tem de coronel que se presta a isto é uma barbaridade.

— É isto que tem caracterizado a atuação dos militares na Amazônia?

Altino — Na Amazônia só havia militar profissional. O militar que fizesse um mínimo de política, ficava no Rio, em Fortaleza, Vitória, na beira da praia, tranquilo. Agora, o Calha Norte mudou tudo. Estão começando a dizer onde deve ou onde não deve minerar, o que deve e o que não deve ser área indígena... Eu atribuo ao Calha Norte esta ascensão do Romero Jucá (presidente da Funai) a comandante-em-chefe das Forças Armadas: já botou o Exército e a Aeronáutica em guerra contra a garimpagem.

— Houve uma militarização da área mineral?

Altino — A presença dos militares em cima da área mineral é correta fisicamente. Mas hoje, para pretender uma exploração mineral, tem que contar com a anuência deles. O melhor geólogo na Amazônia hoje é um coronel reformado.

O empresariado, entretanto, deveria admitir que há outra forma econômica mais forte. Ninguém tem capital para tocar um garimpo sozinho. Junta-se o trabalho do peão, do comerciante, que aposta no trabalho dele, do piloto do avião, do dono da pista. Embora o dinheiro esteja na mão de muita gente, não num caixa único, é dinheiro à vista, resposta direta do trabalho. A garimpagem no Tapajós está prometendo que vai fornecer para o país as 100 melhores

■ Quando a Comissão de Sistematização da Constituinte, na terça-feira, deu aos garimpeiros prioridade sobre as empresas para a exploração mineral nas áreas onde já estão atuando, José Altino Machado, como bom mineiro, comemorou em silêncio. Desde o final dos anos 70, como organizador e hoje presidente da União das Associações e Sindicatos de Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino vem lutando pela consolidação do que chama de uma “economia popular”. São, segundo seus cálculos, 5 milhões de pessoas, girando em torno de 600 mil garimpeiros e movimentando 95% do ativo circulante da Amazônia: 2 bilhões 500 milhões de dólares por ano. Filho de militar, 45 anos, nascido em Governador Valadares, casado, cinco filhos, um neto, José Altino Machado entra para o noticiário de revistas e jornais quando, no carnaval de 1985, invadiu a serra do Surucucu, região dos índios ianomânis, para impedir, afirma, que a área de onde milhares de garimpeiros haviam sido retirados fosse entregue, graças ao tráfico de influência, a mineradoras.

Arquivo — 25/11/86



empresas de mineração. Há garimpos trabalhando como empresa mineradora há muito tempo. Mas não podem passar a empresa, juridicamente, porque não têm poder legal sobre a área, embora estejam lá. Não pode haver uma pessoa jurídica perfeita, organizada, em cima de uma área que legalmente é de outra, que nunca foi à Amazônia. A indústria deve vender hoje umas 500 mil unidades de componentes de bombas hidráulicas para a Amazônia, que está consumindo uma parcela considerável de motores que, antigamente, só a indústria do sul consumia. São equipamentos menores e mais potentes desenvolvidos para poderem ser transportados de avião. Tudo isso é pago à vista. No rio Madeira, cada draga daquelas é uma livre empresa de mineração. Começou com motores pequenos, hoje tem motor de até 120 cavalos e não há quase mais ninguém mergulhando.

— O que impede os garimpos se transformarem em empresas?

Altino — Pelo Código de Mineração, o garimpeiro só pode usar ferramentas rudimentares. Deveria ser um trabalho individual. Serra Pelada é um garimpo dentro da lei. São os escravos de século 20, como diz a imprensa internacional. Sabe por que? A lei não permite o uso de uma roldana sequer. A lei proíbe escorar os barrancos... A verdade é que tem de haver uma junção das empresas com os garimpos. Nos baixões, a mata de água que refloresta de um ano para outro, os garimpeiros são melhores. As empresas deve-

biam para curar nó nas tripas: entra e sai do organismo. Não tem nada a ver com o mercúrio do Japão ou com aquele que é jogado na Baía de Todos os Santos. Não contamina. Mesmo o garimpeiro, que inala o mercúrio durante a queima, não se envenena: o que faz mal são os coágulos na corrente sanguínea.

— Não seria possível que parte deste mercúrio voltasse aos cursos d'água?

Altino — Pode ser que a chuva e o sistema de drenagem do solo acabem levando o mercúrio novamente para os rios. Vamos medir o índice de mercúrio. E mais: desafio alguém a mostrar uma pessoa, uma única pessoa contaminada por esse mercúrio na Amazônia. O governo de Mato Grosso pediu 15 milhões de dólares ao Banco Mundial e o Banco Mundial disse que só daria se o governo fechasse o garimpo de Pico-né, uma das maiores minas de ouro do Brasil. Em Conselheiro Pena (MG), os fazendeiros que queriam a mão-de-obra local que estava indo para os garimpos pressionaram o prefeito. Como não se pode fazer nada contra um sujeito que está buscando um jeito de ganhar mais, vai lá e diz que está poluindo o rio e fecha. Os meninos da ecologia não perceberam ainda que estão servindo de massa de manobra.

— O que o Sr. acha da campanha contra os padres, especialmente os do Cimi (Conselho Indigenista Missionário)?

Altino — Eles têm seus defeitos, mas as qualidades são maiores: as missões salesianas foram a primeira forma de cultura a entrar no Alto Rio Negro. Agora, depois que a África ganhou sua liberdade, aqueles missionários políticos que estavam lá foram transferidos para cá e o Brasil se tornou o paraíso dessas missões. Nenhum país do mundo aceitou este tipo de missionário, missionários ideológicos. Eles vêm para o país dos outros e esquecem os outros. Pegam uma minoria e fazem ela bater de frente com a maioria. O resultado, todo mundo já sabe: amanha, a maioria vai passar por cima de tudo.

■ **“O feitiço virou contra os padres: o Alvaro Tucano hoje está com as mineradoras”**

— Há pastoral da terra, pastoral do índio, por que não há pastoral garimpeira?

Altino — Porque não há massa de manobra. É muito difícil manejar espiritualmente quem está bem materialmente. No caso dos índios, o feitiço virou contra os feiticeiros. Os senhores missionários criaram lideranças indígenas convenientes para conduzir o processo de proteção dentro daquilo que eles acreditavam. As empresas mineradoras fizeram a mesma coisa. O Alvaro Tucano é um bom exemplo. Já esteve com os padres, hoje está com as mineradoras. Os verdadeiros líderes indígenas estão no meio da mata, nunca deram palpite em nada. Quando os líderes entram em contato com a civilização não são mais índios. Dizer que padre está explorando garimpo, escrevendo mão-de-obra é conversa. Eu acredito, sinceramente, que dormiu no pensamento desses padres, por muitos anos, o sonho de transformar a Amazônia num país autônomo, uma reserva para a humanidade. Se eu fosse missionário na Amazônia eu sonhava com isso também.

— Os padres dizem que os índios estão sendo dizimados...

Altino — Dizimou nada. Misturou. Onde é que o manauara (habitante de Manaus) adquiriu aquela cor? A raça foi acabando com a miscigenação. No Brasil nunca houve general Custer. Ou melhor, o nosso é reverenciado na escola: Fernando Dias Paes Leme. Numa bandeira

ra só ele matou 30 mil índios. Depois que chegaram os negros para substituir a mão-de-obra não houve mais isso. O que mais irrita nesses missionários é que eles vêm dizer para um neto, bisneto de índio como um índio deve ser. E são todos europeus.

■ **“Só o Brasil permite o comércio com o ouro físico. É um paraíso para as manobras mundiais”**

— Os ianomânis, de Roraima, estão em extinção

Altino — Os ianomânis são um tribo que está diminuindo porque mais de 30% das mulheres morrem de parto, quando têm filho sozinhas na selva. Mas alguém se arvorou em Deus e disse que não se pode mexer nos costumes dos ianomânis. Eles continuam morrendo. Vivem uma tremenda guerra interna por causa de mulheres. O homem ianomâni jamais trabalha, quem trabalha é a mulher. É ela quem constrói aquelas malocas. A mulher é um tremendo capital. A fome é muito grande e o governo não faz nada. Acho que deveria haver reservas ecológicas com os índios morando nelas. Mas acho inconcebível entregar 15 milhões de hectares para 6 mil ianomânis. Vamos demarcar as terras indígenas, fazer um censo dos índios, levar atendimento. Depois, discutir publicamente, o que fazer com os minérios que estão lá.

— Isso não é tarefa da Funai?

Altino — Eu sou obrigado a respeitar o pessoal da Funai lá do Norte, porque eles não têm dinheiro para nada e fazem das tripas coração. No lugar de botar empresa mineradora pagando índio, deveria haver uma taxa única para a atividade de extrativista, subsidiando a manutenção do índio.

— O comércio de ouro no Brasil parece ser uma exceção...

Altino — Em lugar nenhum do mundo o cidadão pode comercializar ouro físico, bruto. Este ouro vai para a custódia do governo, é reserva. O comércio é feito por certificados. No Brasil, vale tudo: Desde D. Pedro I.

— O que D. Pedro tem a ver com isso?

Altino — Quem fez a independência brasileira foi o ouro. A independência foi toda calcada em cima do problema do ouro. Com a independência, a primeira coisa que veio abaixo no Brasil foram as fundadoras de ouro da matriz portuguesa. Era um ato político. Depois, D. Pedro não teve a coragem política para reabrir as fundadoras e exercer o controle do Estado sobre a reserva de ouro. Sem reservas, o Brasil contraiu sua primeira dívida externa com a Inglaterra: 2 milhões de libras esterlinas. Com isso, rodaram alguns minas de ouro para as mãos dos ingleses. Ouro não é mercadoria, é ativo financeiro, um valor mobiliário. O ouro é um parâmetro internacional de troca. (Se o endividamento externo brasileiro tivesse sido feito em ouro, nós não estaríamos hoje pagando pela inflação dos Estados Unidos). Por isso, em todo o mundo o ouro sai da fundadora para o banco de reserva. Ninguém tem a posse do ouro físico, que é uma reserva nacional. Se o Brasil fizesse a mesma coisa, liquidaria o desvio de ouro. O Brasil hoje é um paraíso para manobras com ouro. Se um país constata que faltam, digamos, 20 toneladas de produção para completar sua reserva, vem aqui e compra as 20 toneladas. O contrário também vale: estão sobrando cinco toneladas? Vai lá no Brasil e vende.

A ocupação do subsolo brasileiro por empresas mineradoras nacionais e multinacionais está na página 32.